



O LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981) E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3732

Elton Pedroso Correa, UEM
Patrícia Lessa, UEM

Resumo

O presente trabalho é fruto das análises iniciais feitas no percurso do Projeto de Iniciação Científica (PIC) intitulado “Lampião da Esquina: A Construção de Um Canal Para a Voz das Minorias”. Os indícios da história demonstram que o Lampião da Esquina é o primeiro periódico brasileiro que fala clara e abertamente sobre e para os homossexuais, suas demandas, sexualidades e prazeres que conseguiu ter visibilidade e alcance em proporções nacionais. Em seu primeiro editorial, o periódico se propõe porta-voz de homossexuais e outros grupos minoritários. Seus quatro anos de história (1978 a 1981), coincidem, segundo Robert Howes (2003), com a primeira fase do movimento homossexual brasileiro. Com o intuito de entender como o jornal coloca esse homossexual para a sociedade e principalmente, quem é esse homossexual que o veículo retrata em suas páginas, nesse recorte da pesquisa analisamos a edição zero, publicada em abril de 1978, a partir dos estudos feministas, foucaultianos e queer, sobre gênero, discurso e sexualidade. Para isso, nossa análise contextualiza o jornal no cenário político da época de seu surgimento. O método de análise dos jornais é a análise do discurso na vertente foucaultiana. Apesar de experimental e com circulação restrita, a escolha da edição zero como foco da análise neste trabalho se dá, pois, é onde o Conselho Editorial do Lampião primeiro expõe seu projeto político e intenções de ser, pilares que norteariam suas futuras edições.

Palavras Chave:

História e Periódicos;
Sexualidade; Gênero;
Queer; Movimento
Homossexual.

Introdução/Justificativa

Entre as décadas de 1960 e 1980, em meio a rebelião contracultural que questionava e colocava os chamados valores tradicionais e a sociedade de consumo em cheque (SOIHET, 2007, p. 41), movimentos “começam a corroer os alicerces do comportamento social, abrindo espaço para uma rebeldia nos costumes” (LIMA, 2001 p. 21). Há uma corrosão, ou pelo menos, uma tentativa por esses movimentos de corroer autoritarismos, violências, opressões e desigualdades. No Brasil, no meio da Ditadura Militar, esses movimentos se misturam com ideais político-democráticos e populares (LIMA, 2001, p. 21).

Nesse momento, movimentos sociais que partem desses ideais de contracultura ganham proeminência, como o movimento feminista, que para Soihet (2007, p. 42), passa por um reflorescimento, e o movimento homossexual, que nasce no final da década de 1970 e tem seu “primeiro momento de euforia” entre o período de 1978 à 1982 (HOWES, 2003, p. 299).

Uma imprensa alternativa, com a oposição ao regime agindo como um grande fundamento comum entre seus veículos, surge durante o período da Ditadura. “A contrapartida à violenta ditadura militar foi a explosão de uma vigorosa cultura de resistência”, diz Rago (1995/1996, p. 32). Entre 1964-1980, 150 periódicos nasceram e morreram (LIMA, 2001, p. 21). Por não fazerem parte do grande sistema editorial, não podiam trabalhar com a renda publicitária como jornais tradicionalmente faziam, e acabavam se firmando em cima de suas posições políticas radicalizantes para a época. Lima (2001, p. 21) divide os periódicos alternativos em duas classes. A primeira, baseada nos ideais de valorização do nacional e no marxismo. E a segunda, voltada a crítica dos costumes e a contestação dos valores da cultura

tradicional.

Com o processo de abertura política se intensificando no país, culminando em 1979, com a Lei da Anistia sendo aprovada pelo Congresso, “diversos grupos se rearticularam ou se formaram a fim de reivindicar suas demandas” (COELHO, 2014, p. 17). A conjuntura se mostrava mais favorável às manifestações e propostas desses movimentos sociais que estavam emergindo (SOIHET, 2007, p. 46). Além disso, muitas pessoas que haviam ido para fora do país em exílio forçado ou voluntário, retornam.

Trazendo consigo uma insatisfação tanto com a direita conservadora como com a esquerda progressista, essas pessoas chegam com vivências e perspectivas teóricas absorvidas fora do país, que seriam transformadas em ações políticas concretas, contestando os valores tradicionais, mas também repensando a atuação da oposição política brasileira (COELHO, 2014, p. 17).

Inserido nesse contexto, surge em 1978 o primeiro veículo de comunicação em massa voltado para o público homossexual e para a discussão dos direitos dos homossexuais e das minorias: o jornal *Lampião da Esquina* (que ganha esse nome depois da edição 0, onde foi publicado somente como “*Lampião*”), com edições mensais e tiragem de vinte mil exemplares (LIMA, 2001, p. 22). Ele não foi o primeiro periódico voltado ao público homossexual a ter surgido no Brasil, mas marca o início de um primeiro momento de um movimento pela libertação homossexual brasileira. Ganhando uma proeminência maior do que esforços anteriores, graças à conjuntura sócio-política, à uma ruptura com o que havíamos como periódico homossexual até então no país, pela sua escala, e pelos assuntos polêmicos que abordava abertamente. São publicadas trinta e oito edições até seu encerramento em 1981.

Graças ao movimento da Escola

dos Annales, tivemos uma ampliação do campo de atuação do historiador, novas temáticas emergiram e novas concepções sobre o documento histórico, sua definição e como analisá-lo, se firmam (ALVES, 2016, p. 2). Com a possibilidade de trabalhar novas questões, objetos e ferramentas diferentes das já trabalhadas, há a difusão de novos olhares e novos discursos.

O Positivismo adotava a História como única e totalizante. Uma História factual, que reduzia o historiador a um mero coletor de documentos e fatos, que deveriam passar por uma análise minuciosa, que os validaria ou não (CASTELANI, et al., 2001). A História era objetiva, formada pelos fatos cronológicos e o que eles realmente significavam entre si, não requerendo o trabalho do historiador para entendê-los, apenas para validá-los e ajeitá-los.

Os periódicos tinham seu valor desconsiderado pelos positivistas, pois “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano”, continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005, p. 112). Le Goff, ao analisar o uso dos documentos históricos pelo historiador contemporâneo, discorda da visão positivista. De acordo com ele: “(...) não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem” e ao historiador cabe o dever de retirá-la e analisar as condições nas quais ela foi produzida (LE GOFF, 1994, p. 548).

A tradição economicista em conjunto com a visão totalizante e objetiva que a História tinha no Positivismo, retirava mulheres, homossexuais, crianças e prostitutas da História (ALVES, 2016). Esses grupos não apareciam nos documentos que eram enxergados como História. A vertente positivista narrava os

grandes homens e seus grandes feitos. Por consequência, os grupos que eram excluídos socialmente do meio desses grandes homens, não tinham presença evidenciada na historiografia (LUCA, 2005). Por consequência direta dessa visão, esses grupos estariam fadados ao esquecimento, já que, segundo Davallon (1999, p. 25): “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”. Se levarmos em conta só os documentos oficiais, cria-se uma história no qual esses grupos marginalizados nunca existiram, não agiram, transformaram e nem foram transformados.

Estudar periódicos como o *Lampião da Esquina*, combate o esquecimento que estigmatiza esses grupos marginalizados e oprimidos da sociedade como insignificantes e como fatores alienígenas a uma suposta ordem natural das coisas. Estudar o *Lampião da Esquina* retira as minorias retratadas no jornal do reino da indiferença, do domínio da insignificância, e as trazem para o palco da História.

Objetivos

Neste trabalho, apresentaremos análises iniciais da edição 0 do *Lampião*, feitas no percurso do Projeto de Iniciação Científica (PIC) intitulado “*Lampião da Esquina: A Construção de Um Canal Para a Voz das Minorias*”, pensando em como seu objetivo de se tornar porta-voz de setores marginalizados da sociedade se estende em suas páginas e o discurso usado pelo jornal nesse processo. A metodologia utilizada é a análise do discurso na vertente foucaultiana.

Resultados

O *Lampião da Esquina*, como primeiro periódico homossexual a circular a nível nacional (COELHO, 2014, p. 49), alcança status de porta-voz dos homossexuais do período. Ele também

leva para a sociedade brasileira a discussão das demandas de outras minorias, que assim como os homossexuais, eram enxergadas como não prioritárias e por vezes, como empecilhos, pela esquerda progressista do período. Ele expressa esse desejo e intenção de se colocar como porta-voz dessas minorias já na sua primeira edição, em apresentação assinada pelo Conselho Editorial, intitulada “Saindo do Gueto”: “(...) pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias” (LAMPIÃO, 1978, n. 0, p. 2).

Segundo Foucault (2003, p. 10): “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. O Conselho Editorial, composto nessa edição por Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (LAMPIÃO, 1978, n. 0, p. 2) propõe a criação de uma identidade homossexual. Rejeitam o que chamam de bandeira isolacionista, se aproveitando do que enxergam como um momento de abertura de discurso, para levar às bancas do país um folhetim que se coloca como “ressignificador” do homossexual na sociedade brasileira:

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema - do qual se tornam apenas "bobos da corte" -, declaram-se por ledó engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou o

fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal (LAMPIÃO, 1978, n. 0, p. 2).

Na perspectiva de resgatar uma humanidade negada por uma sociedade construída em bases machistas, o Lampião se posiciona contra o que Wittig (1990, p.54) define como “pensamento hétero”. Perspectiva geradora de uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos, que permeia a ciência contemporânea, ao não conseguir conceber a rejeição a obrigação do coito homem-mulher e das instituições que essa obrigação produziu como sendo necessárias para a constituição de uma sociedade.

O “pensamento hétero” não consegue conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordena não só todas as relações humanas, mas também a sua própria produção de conceitos e também todos os processos que escapam ao consciente (WITTIG, 1990, p. 55). Rejeitar o coito homem-mulher como relação social obrigatória seria simplesmente uma impossibilidade, fazendo com que o lesbianismo e a homossexualidade não pudessem ser pensados nem falados (WITTIG, 1990, p. 55), fadando esses indivíduos a exclusão dos espaços sociais e à não-inscrição de suas ações no espaço da memória social ou coletiva.

Ao terminarem a apresentação, o Conselho Editorial dita o princípio que comandaria as ações futuras do folhetim e os assuntos a serem abordados nessa e nas edições subsequentes, que é a luta pela desmoralização do conceito de homossexualidade imposto pela sociedade, dito uma interferência negativa para a vida na mesma.

Considerações Finais

O Lâmpião da Esquina surge a partir do encontro da abertura política que marca o final da Ditadura Civil-Militar brasileira, com o retorno de pessoas que absorveram perspectivas teóricas no exterior durante seus anos de exílio. Seus editores se aproveitam do que chamam de liberalização do quadro nacional para inserirem uma voz, até então não existente, do homossexual no cenário político da época.

De acordo com Foucault (1985, p. 91) “onde há poder há resistência”. Graças ao alcance nacional da publicação, o Lâmpião garante seu lugar como marco do nascimento do Movimento de Libertação Homossexual brasileiro, ao colocarem a narrativa dominante, do homossexual como doente, em cheque.

O homossexual, nas páginas do Lâmpião, disputa lugar e significado na sociedade, ao se reivindicar cidadão e carente de direitos e respeito. Como primeiro veículo de grande escala feito por e para homossexuais no país, o Lâmpião da Esquina se firma como objeto de análise necessário no estudo da construção da identidade do Movimento Homossexual no Brasil.

Referências

- ALVES, Carlos Jordan Lapa. **Lâmpião da Esquina: História, Linguagem e Identidade**. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/cafbb5_47e32e33f84044e98bf7c169bd7a3c16.pdf>. Acesso em 23 ago. 2016.
- CAPARICA, Marcio. **“Lula acreditava que não havia homossexuais no movimento operário”, lembram fundadores do “Lâmpião da Esquina”**. Disponível em: <<http://ladobi.uol.com.br/2016/08/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 28 ago. 2016.
- CASTELANI, Gláucia Rodrigues et al. **O Positivismo, os Annales e a Nova História**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>>. Klepsidra, nº 7, 2001. Acesso em 28 ago. 2016.
- COELHO, Vinicius. **Lâmpião da Esquina: Porta voz dos homossexuais (1978-1981)**. Rio de Janeiro: Multifoco. 2014.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre. et al. **Papel da Memória**. Tradução por José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 23-37.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 9ª ed. 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- HOWES, Robert. **João Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil**. Cadernos AEL, Campinas/SP, v. 10, n.18/19, p. 289-311, 2003.
- LÂMPIÃO. Saindo do Gueto. In: **Lâmpião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 2, 1978.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução por Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil**. Cronos (Pedro Leopoldo), Pedro Leopoldo/MG, v. II, n.3, p. 21-30, 2001.
- LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAGO, Luzia Margareth. **Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós)modernidade no Brasil**. Cadernos AEL, n. 3/4, p. 1-33, 1995/1996. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf>. Acesso em 21 ago. 2016.
- SOIHET, Rachel. **Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo**. ArtCultura, Uberlândia, v.9, n. 14, p. 39-53, jan-jun. 2007.
- WITTIG, Monique. The Straight Mind. In: FERGUSON, R. (org.) et al. **Out There: Marginalization and Contemporary Culture**. Cambridge: The MIT Press, 1990, p. 51-57.